



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica

## **O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO LINGUAGEM NÃO VERBAL: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA PSICANALÍTICA EM LIBRAS<sup>1</sup>**

**The unconscious structured as non-verbal language: Reflections about the psychoanalytic practice in Libras**

**Eduarda Almeida dos Santos<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho da disciplina de Libras.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: eduarda.santos@sou.unijui.edu.br

### **INTRODUÇÃO**

Na psicanálise, a linguagem tem papel fundamental não só como ponto estruturante do sujeito psíquico, mas também enquanto meio de comunicação entre paciente e analista no decorrer do tratamento. Mas o que ocorre quando o sujeito não se comunica através da língua oral, mas sim através de uma língua de sinais? Deste modo, a partir das provocações que se iniciaram a partir da disciplina de Libras, este trabalho tem o intuito de promover reflexões sobre como o sujeito psíquico se estrutura através de uma linguagem não verbal, e a importância do conhecimento da Libras para o profissional que deseja prestar atendimento a este público.

### **METODOLOGIA**

Esta produção tem seu referencial teórico baseado em uma pesquisa exploratória, realizada em bases de dados como o Google Acadêmico. A análise de dados é qualitativa, tendo como base livros e uma tese de doutorado que embasam a produção e permitem uma análise minuciosa do tema.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A língua brasileira de sinais, mais conhecida como Libras, é a língua natural da comunidade surda. É muito importante ressaltar que engana-se aquele que acredita tratar-se de



um tipo de linguagem gestual apenas, pois conforme nos traz Sarturi (2015), ela possui regras gramaticais próprias em diferentes níveis linguísticos como morfologia, sintaxe, semântica e outros, sendo inclusive bastante diferente do Português. A Libras se dá na modalidade visual-espacial, possibilitando assim a comunicação entre os sujeitos surdos através do movimento das mãos, e dentro dela podem ser encontrados cinco parâmetros linguísticos: configuração de Mãos; pontos de articulação; orientação de mão; movimento e expressões não manuais, que permitem o entendimento daqueles que a utilizam, e podem variar conforme a região do país. Entretanto, não se pode confundir a Libras com mímica ou gestos, pois conforme Gesser, (2009) esta língua possui símbolos convencionados que definem os objetos, sendo crucial conhecer as regras ligadas a cada sinal, com parâmetros linguísticos diferenciados das línguas orais. Essa visão da língua de sinais como mímica, deve-se a visão que as pessoas ouvintes têm dos surdos, tratando-os de forma depreciativa. É preciso entender que os surdos têm sua própria língua e que se comunicam como qualquer pessoa ouvinte, expressando também conceitos abstratos. A importância do reconhecimento da Libras enquanto língua oficial se faz presente ao considerar a história da comunidade surda, que por séculos foi privada de praticá-la em favor da língua oral e da leitura labial, não só no Brasil, mas como em todo o mundo, tornando a língua de sinais um símbolo de luta e resistência.

Posta a definição da Língua Brasileira de Sinais, também é fundamental conhecer a comunidade surda. Isto se refere a comportamentos, valores, regras e crenças que permeiam o cotidiano dos sujeitos surdos, bem como a sua história enquanto grupo, além das brincadeiras, literatura, arte e a relação com a língua de sinais, constituindo-se em elementos que só essa comunidade experencia e entende, se fazendo presente em todo o mundo que os cercam. Deste modo, um profissional ignorante quanto a cultura surda pode abalar a relação transferencial com o seu paciente e interferir na comunicação entre os dois (HALABE, 2018).

Levando em conta a constituição psíquica do paciente pelo viés psicanalítico, entende-se que existe uma grande influência do idioma materno, e no caso da Libras, comumente ela não foi a primeira a ser ensinada, devido ao histórico de indução do sujeito surdo ao aprendizado da oralidade e do Português. Entretanto, Halabe (2018) destaca que existem movimentos que defendem a Libras como língua materna do sujeito surdo, mesmo ele tendo aprendido o Português primeiro, pois há uma distinção entre aprender um idioma e se inserir em uma cultura. Nesse sentido, da mesma forma que para o analista é inviável o atendimento sem sua



inserção na cultura surda, para as pessoas surdas também é inviável se submeter ao processo analítico expressando-se em um idioma no qual elas não se reconhecem enquanto sujeitos.

Adentrando no processo analítico estabelecido pela psicanálise, é necessário compreender um pouco de sua origem antes de aprofundar na reflexão quanto a análise do sujeito surdo. Fundada por Sigmund Freud, a psicanálise abrange um método terapêutico que se apoia na transferência entre paciente e analista permitindo através da associação livre, a análise do inconsciente, que pode ser brevemente caracterizado como uma instância fora da consciência, mas que mantém relação com o comportamento do sujeito (ROUDINESCO, PLON, 1998). Dentro deste escopo, foca-se na interpretação que o autor Jacques Lacan dá à psicanálise, trazendo a questão da linguagem para compreender a estruturação inconsciente, inspirando-se no trabalho de Saussure para produzir uma releitura da obra freudiana e a composição de novos termos (HALABE, 2018). Nesse sentido, Lacan vem a postular que através da linguagem, tudo aquilo que possui sentido para o sujeito se inscreve dentro de seu inconsciente, pois devido ao efeito estruturante da linguagem, desde a relação pré-edipiana, ela impõe sua ordem e introduz imediatamente no imaginário a ruptura simbólica, onde com a passagem pelo complexo de Édipo, o sujeito tem acesso a fala, aquilo que é da ordem da cultura e também ao reconhecimento de si e do outro, sendo inserido em um campo simbólico, proporcionado pelo pai que impõe ordem da lei, lei das estruturas familiares e culturais, que fundam toda possibilidade de existência humana, e onde a criança pode então finalmente se constituir enquanto sujeito psíquico (LEMAIRE, 1989). Também é possível demonstrar a importância da linguagem enquanto estruturante do inconsciente através do seguinte trecho:

Em psicanálise a teoria da linguagem é, pois, bem mais que um estudo das formas retóricas próprias do sonho ou dos sintomas. E lá é o lugar da verdade. Pois só a palavra rasga o véu do encantamento especular e só ela deixa vir à luz a verdade do sujeito reconduzida a seu lugar, que é o ato revelador da linguagem [...] (LEMAIRE, 1989 p. 33).

Porém sendo a psicanálise tão intimamente ligada à palavra e à linguagem, como ocorre a prática clínica com o sujeito que se comunica de uma forma diversa da linguagem oral? Conforme Saussure (2006), o ato da fala ocorre dentro da mente do sujeito ouvinte onde se realiza uma associação de signos verbais, significados e significantes, e através de seus órgãos de fonação ele emite o som que vem a ser a expressão fonética. Em contrapartida, o sujeito



surdo utiliza o gesto, através dos elementos já citados que compõem a Libras, que são a configuração de mão, movimento, orientação, ponto de articulação e expressão facial.

De acordo com Halabe (2018), a Libras, assim como qualquer outra língua oral, tem a capacidade de articulação e encadeamento de signos e significantes que formam um discurso. Deste modo, os sinais usados na formação do discurso possuem também uma relação de nexo de causalidade, e também permitem lapsos, chistes e atos falhos, sendo submetidos a associação, onde um significante sempre remete a outro, o que permite a realização do método de associação livre em psicanálise. Porém existe uma diferença importante que Halabe apresenta:

E apesar do termo saussuriano significante remeter apenas a imagem acústica (oral), percebemos que a língua gestual compreende significantes menos acústicos e mais imagéticos, realizando discurso a partir da linearidade 15 e cadeias de significantes (HALABE, 2018, p 52).

Dentro desta perspectiva, o atendimento psicanalítico realizado em Libras, irá exigir do profissional bastante atenção aos sinais e as expressões faciais do paciente, mas conforme afirma Halabe (2018), é possível realizar a atenção flutuante e captar o sentido daquilo que está sendo transmitido, desde que claro, o analista tenha compreensão da língua, permitindo ao paciente estar confortável com o seu discurso. Assim, tornam-se claros os elementos que permitem a utilização do método psicanalítico para o tratamento do sujeito surdo, onde ele pode se expressar através da Libras, e ao pensarmos no inconsciente estruturado como linguagem, abre-se um caminho para a reflexão da prática dentro de uma língua não verbal ( HALABE, 2018).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, abordadas as conceituações e contribuições de diversos autores, traz-se a reflexão acerca de como é possível a realização de uma escuta psicanalítica do sujeito surdo através de uma prática ética através do respeito e entendimento da língua na qual ele se reconhece e se constituiu enquanto sujeito psíquico, neste caso em específico, dentro de uma língua não verbal. Entretanto, embora ideal, esta é uma realidade infelizmente ainda longe de se tornar comum dentro dos espaços de saúde mental. Sabe-se que muitos atendimentos ainda são realizados com a presença de tradutores, o que interfere na prática clínica e na relação com



o paciente. Fica demarcada diante disto, a importância da difusão do conhecimento acerca da Libras. Afinal, o profissional está ali para escutar o que este sujeito surdo tem a dizer, e sim ele terá muito a dizer, mesmo que seja de uma forma diferente.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Sujeito. Língua. Linguagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALABE, Dannilo Jorge Escorcio. **A psicanálise realizada em libras:** demandas e desafios da clínica com pacientes surdos. 2018. 127 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan:** Uma introdução. Rio de Janeiro, 1989.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998. Disponível em:  
[https://monoskop.org/images/c/c9/Roudinesco\\_Elisabeth\\_Plon\\_Michel\\_Dicionario\\_de\\_psicanalise\\_1998.pdf](https://monoskop.org/images/c/c9/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf). Acesso em: 07.ago.22

SARTURI, Cláudia de Arruda. Surdez!!! O que se “perde” e o que se “ganha”: um olhar sobre conceitos e discursos. *In:* GOMES, Anie Pereira Goulart; HEINZELMANN, Renata Ohlson. **Cadernos conecta libras.** Rio de Janeiro: Arara Azul, 2015. p. 45-62. ISBN 978-85-8412-009-3.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.